

A MAL DITA

Cristiane T. Sampaio¹

A depressão é uma forma muito particular e avassaladora que corriqueiramente chamamos a dor do viver. Maria Rita Kehl descreve a depressão como o rompimento da rede de sentido e amparo que tecemos para a existência através da multiplicidade de laços libidinais: momento em que o psiquismo falha em sua atividade ilusionista e deixa entrever o vazio que nos cerca ou vazio que o trabalho psíquico tenta cercar. É um momento de enfrentamento insuportável com a verdade (Kehl, 2003).

A maldita - significante utilizado por uma analisante de 70 anos para se referir a depressão que já se manifestou em diferentes épocas de sua vida, mas desta vez, diz ela, “é a pior de todas”, certamente agravada por uma dificuldade em aceitar as modificações do corpo que a idade lhe impôs, ainda que tenha uma boa saúde. Descreve-se como sem coragem para viver. Já buscou em inúmeros psiquiatras e medicações na esperança que ficasse curada.

Oprimida pela culpa que lhe acompanha desde a infância e por pensamentos obsessivos incessantes, trata-se de um sujeito com grande dificuldade de implicação subjetiva, tratando frequentemente a depressão como algo a toma, e contra qual não tem forças para reagir. Sua fala é mais para enunciar um saber sobre a dor do que para arriscar alguma coisa do seu desejo no jogo metafórico do significante. Ela, a maldita, a faz se sentir como uma morta viva.

Percebe-se no seu discurso que, além da tristeza, há um intenso desinvestimento libidinal, onde todo ato é custoso, comprometendo até mesmo a fala, o que dificulta o próprio tratamento analítico.

Entre as questões que a clínica com sujeitos deprimidos pode suscitar, proponho uma: seria a depressão uma nova maneira de responder ao que se traduz como perda de um objeto, uma resposta que se distinguiria da resposta do luto e mesmo da melancolia?

No livro *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*, Melman (2003) incluiu a depressão como a “grande forma patológica que hoje predomina sobre todas as outras”, e já apontava que o sentimento de dignidade humana que outrora estava ligado ao valor fálico, hoje está ligado ao valor mercantil.

Parece já existir um consenso na Psicanálise de que a depressão é um subproduto contemporâneo do casamento do neoliberalismo globalizante com os avanços das ciências neurobiológicas. Em especial, o discurso da psiquiatria, que apresenta a depressão como uma entidade própria e independente da subjetividade, alcança amplos espaços na sociedade e contamina o senso comum com versões biológicas e inatas da gênese do adoecimento psíquico,

¹ Psicanalista. Participante do Espaço Moebius.

isolando o ser humano de suas relações e, principalmente, de sua característica primordial: a linguagem (Peron,2009). Em certa medida, a corrida desenfreada dos antidepressivos pode ser vista também como uma legitimação da depressão como um modo de vida, sem que a dimensão do sujeito como resposta à inconsistência desse mundo seja minimamente posta em relevo.

Uma clínica psicanalítica da depressão se dispõe a enfrentar essa questão no campo ético, no que isso implica em um enfrentamento quanto aos destinos dados pelo sujeito à sua relação com o gozo.

No belíssimo texto Luto e melancolia (1917), Freud não apresenta a depressão do enlutado como um sintoma, uma formação de compromisso no sentido clássico conferido a esta expressão (efeito de um recalque, representação de uma satisfação substitutiva, implica um trabalho de metaforização etc.), mas como um efeito egóico do processo de luto. O que a caracteriza é o desinvestimento da realidade que acompanha o sujeito enlutado (Coser,2003)

Com efeito, a tristeza depressiva não é sintoma, pois dele não tem nem a estrutura nem a consistência, também não é angústia, o afeto-tipo da relação com um real inassimilável; ela é, ao contrário, senti – mente, que engana sobre a causa. Aproxima-se mais de um estado do sujeito, submetido à flutuação e compatível com as diferentes estruturas clínicas (Soller,2002). Sem ser nem estrutura nem afeto do real, a depressão participa, entretanto, das figuras da inibição: “a inibição e a falta de interesse se esclarecem totalmente pelo trabalho do luto que absorvia o ego” (Freud, 1917,p.243). Ou ainda em Inibição, sintoma e angústia(1926), ele aponta que nos estados depressivos, ela é “global”, cristalizando o conjunto das funções libidinais, o que nos fez lembrar a colocação de Lacan no Seminário A angústia (1962), de que a inibição é um sintoma no museu.

Os estados obsessivos de depressão que se seguem à morte de uma pessoa amada evidenciam para Freud a força que pode alcançar o conflito devido à ambivalência. Mas a melancolia apresenta, com relação a essas autorrecriminações obsessivas, algumas diferenças. Em primeiro lugar, nela, a ambivalência relativa ao objeto é de natureza inconsciente; em segundo, o melancólico assume a culpa de que se acusa. Um obsessivo também se sente culpado, mas não aceita a culpa como sua; no melancólico, esta atinge o núcleo do seu ser.

Baseando-se nessa ocorrência, Freud lança a ideia de uma instancia crítica, que observa, julga e recrimina o ego, ousado passo teórico que, de um fenômeno psicológico e afetivo – a censura, a culpa-, avança para a formulação de um conceito que irá ganhar a dignidade de uma instancia psíquica, o superego. A transformação da libido que ocorre na melancolia gera uma satisfação que Freud coloca no plano de um verdadeiro sadismo do agente crítico em relação ao eu, algo que não está no contexto do princípio do prazer, observação clínica que vai ser retomada no conceito da pulsão de morte (Coser,2003).

Freud conclui que o laço que prende o sujeito ao objeto é de natureza narcísica. E não apenas isso, o que o sujeito perde não é um objeto qualquer, mas sim um objeto cuja função era a de completar o ego, torná-lo inteiro, e, desse modo, um objeto que agia como caução contra a castração (Coser, 2003).

De uma certa forma, poderia se dizer que a dor da depressão é a dor constitutiva da castração, que, em vez de aparecer como angústia, deixa triste o sujeito com nostalgia do ideal, saudade do Um que encobria a falta. Sendo assim, a tristeza é correlata à confrontação com a falta quando há uma queda, abalo ou perda de significantes vinculados ao ideal do eu (Quinet, 2002a)

Como bem aponta Leticia Fonseca, Tyszler (2017), ao comentar o texto Luto e melancolia, assinala que no luto, o sujeito não refuta simplesmente a perda, mas sobretudo de não faltar mais ao outro. Enfatiza que, no luto, a realidade pronuncia seu veredito, levando o enlutado a olhar sobre si mesmo, procurando um ponto de narcisismo para continuar a ter valor no mundo. Ou seja, quando alguém se vai, sofremos por não saber mais o que somos no desejo do Outro. No luto, o sofrimento não é tanto pela perda daquele que se foi, mas sobretudo o que perdemos é a possibilidade de faltarmos para a pessoa que se foi.

Abordaremos agora a definição tão citada definição sobre depressão proferida por Lacan no texto Televisão (1973), quando ele situa esse afeto no âmbito da ética e o qualifica de “covardia moral”.

Sempre achei intrigante essa definição, e encontramos autores como Soller (2002) e Melman (2003) que comentam que essa afirmação pode parecer um tanto dura ou estigmatizante, ou até mesmo pode equivocadamente suscitar avaliações precipitadas e moralizantes, o que certamente não foi o objetivo de Lacan.

Ele está comentando sobre a questão do afeto na Psicanálise, lembra que dedicou um Seminário para falar da angústia, e ressaltando sempre a clínica que enfatiza a estrutura do significante, diz que “o afeto vem a um corpo cuja propriedade é habitar a linguagem” (p.526). Neste contexto, cita a tristeza como exemplo. Em suas palavras, a tristeza qualificada de depressão

“é simplesmente uma falta moral, como se exprimiam Dante, e até mesmo Espinosa: um pecado, o que significa covardia moral, que só é situado, em última instância, a partir do pensamento, isto é, do dever de bem-dizer, ou de se referenciar no inconsciente, na estrutura” (p.524).

O dever ético de bem-dizer é tributário da orientação do sujeito em relação ao desejo inconsciente, e orientar-se no inconsciente significa saber quais são os significantes primordiais que determinam suas ações, fantasias e sintomas (Quinet,2002a)

Alberti (2002) entende essa passagem de Televisão como a depressão sendo um afeto que aparece no momento em que o eu evita a determinação inconsciente, razão pela qual Lacan pode dizer que a depressão é, basicamente, uma covardia moral. Ou ainda, que a depressão é um afeto normal porque

reenvia ao fato de estrutura de que nos furtamos de bem dizer nossa relação ao gozo- ao inverso do sintoma, que surge para dizê-la de alguma forma.

Assim, a tristeza cancela, obstaculiza, a possibilidade de associação livre, o sujeito se recusa a fazer deslizar a cadeia significante. Assim, o tristonho, seja ele deprimido ou melancólico, permanece desorientado em relação ao desejo inconsciente; sobre ele, nada diz e nada quer saber. Como consequência, o sentimento de culpa mostra suas garras e o supereu assume o comando, punindo sadicamente o sujeito (Quinet, 2002a) Ora, se o desejo está do lado do inconsciente, a depressão está do lado do gozo, para além do princípio do prazer.

Penso ser importante estarmos abertos a teorizações que buscam, em última instância, vislumbrar caminhos para a clínica tão difícil de depressões severas que cada vez mais chegam aos consultórios. Neste sentido, trago a hipótese de Roland Chemama no livro *Depressão, a grande neurose contemporânea* (2007), onde ele propõe que a depressão seja concebida como uma estrutura psíquica particular devido a certas vicissitudes da simbolização do Nome do Pai.

O autor retoma os três tempos lógicos do complexo de Édipo. No segundo tempo, a mãe se revela interdita, e esse interdito representa a operação propriamente dita da castração que supõe o significante Nome do Pai e doravante permite a criança aceder a seu próprio desejo. Mas é no terceiro tempo que o sujeito tem relação ao pai como detentor do falo, podendo transmitir a promessa de tê-lo, ao dá-lo ou recebê-lo.

Sua hipótese é que em certos casos, o segundo tempo possa funcionar e o terceiro não, o que se configuraria como uma forclusão do falo. Diz ele:

O que faz falta na depressão é uma operação que prolongue a castração, é por meio dela que o pai real intervém como detentor do triunfo dominante. Um pai, então, que transmite o significante fálico aquele, no nosso entender, simboliza a castração, mas que igualmente tem efeitos imaginários, por meio dos quais é vetorizado certo apetite pelo viver (2007,p.94).

Como consequência, se na depressão a função fálica está enfraquecida, significa que ela não permite que o objeto a seja verdadeiramente destacado faltante, inscritível apenas no quadro do fantasma. Por isso, ele é tão invasivo no real da depressão, que o sujeito se percebe como uma merda, ou quer sinta sem cessar o olhar do Outro e dos outros, diferente do melancólico, quando não se trata de “se perceber como”, mas de ser realmente o objeto a, objeto dejetivo, e por isso, ele pode chegar a se precipitar pela janela (Chemama,2007).

Chemama (2007) admite que este conceito - forclusão do falo - não é um consenso na psicanálise. Comenta que, além da forclusão do Nome do Pai, que conduz o sujeito ao destino psicótico, Lacan também evocou outras forclusões como a da castração ou mesmo do sujeito, mas considera isso problemático, na medida que a forclusão, como operação, é mais bem concebida no que diz respeito ao significante.

Contra o imperativo de gozo do supereu presente na depressão, com seu arsenal de autoacusações, a psicanálise propõe o dever de bem dizer em relação ao

desejo inconsciente, para que o sujeito possa fazer da falta que dói a falta constitutiva do desejo. Portanto, para o sujeito, estar orientado em relação à estrutura que o determina é condição para cumprir o dever ético de bem-dizer que pode ser alcançado a partir da experiência analítica (Quinet, 2002a).

Para concluir...

Retomo o significante que destaquei no título deste trabalho para compartilhar com vocês algumas associações que ele me suscitou:

Mal dita depressão – pressão de gozo.

Bem dita castração – operação do desejo.

Em vez de entristecer, querer saber.

Em vez do recolhimento, movimento.

Se o sujeito deprimido de certa forma, diante do sofrimento, "foge à luta", me ocorreu a letra de uma conhecida música como uma possível leitura deste bem-dizer:

Esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer.

Referências bibliográficas

ALBERTI, S. Os quadros nosográficos: depressão, melancolia e neurose obsessiva. In: *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Quinet, A. (Org). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

CHEMAMA, R. *Depressão, a grande neurose contemporânea*. Porto Alegre: CMC Editora, 2007.

COSER, O. *Depressão: clínica, crítica e ética*[online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

FREUD, S. *Luto e Melancolia* (1917). Edição Standard brasileira das obras completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FREUD, S. *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926). Edição Standard brasileira das obras completas, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

KEHL, M.R. *Uma existência sem sujeito*. Folha de S. Paulo, Mais! Edição de 20/01/2003.

LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____ Televisão (1973). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MELMAN, C. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

PERON, P.R. A espinhosa questão da depressão- resenha O tempo e o cão: a atualidade da depressão, de Maria Rita Kehl. *Psic.Rev. São Paulo*, volume 18, n.2, 2009.

QUINET, A. A tristeza: mal-dizer o desejo. In: *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Quinet, A. (Org). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002a.

_____ Atualidade da depressão e a dor do existir. In: *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Quinet, A. (Org). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002b.

SOLLER, C. Um mais de melancolia. In: *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Quinet, A. (Org). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

TYSZLER, J.-J. *As depressões, o luto e a melancolia*. Recife: Espaço Moebius Psicanálise, 2017.